

## ENTREVISTA COM ANDERSON BRAGA HORTA (ABH) E JOSÉ JERONYMO RIVERA (JJR)

**Alicia Silvestre Miralles (ASM)**

Universidade de Brasília

**Anderson Braga Horta** nasceu em Carangola, Minas Gerais, no dia 17 de novembro de 1934. Em 1959 bacharelou-se pela Faculdade Nacional de Direito, da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro. Em 1960 em Brasília fez o primeiro vestibular da UnB e iniciou o Curso de Letras Brasileiras. Porém, em 1964, devido à ditadura militar, decidiu abandonar o curso.

Tanto no Rio de Janeiro quanto em Brasília exerceu o jornalismo e o magistério. Além disso, foi co-fundador da Associação Nacional de Escritores, do Clube de Poesia de Brasília e de seu sucessor, o Clube de Poesia e Crítica, do qual foi presidente; foi, também, co-fundador do Sindicato dos Escritores do Distrito Federal. É membro da Academia Brasiliense de Letras e também da Academia de Letras do Brasil. Hoje em dia é funcionário aposentado da Câmara dos Deputados.

É autor de 19 títulos, somando poesias, contos, tradução e crítica literária. Em 2005 publicou, pela Editora Thesaurus de Brasília, o livro *Traduzir Poesia*. Nessa obra, ele compila grande parte de suas traduções de poemas e reflexões sobre o ato tradutório, produzidas ao longo de cinqüenta anos. Braga Horta traduz textos do francês, espanhol, inglês, italiano, alemão e até galego, além de verter textos de poetas brasileiros para o espanhol.

Dentre seus numerosos prêmios literários no Brasil e na Itália, destacam-se o Nacional de Poesia, (1964) e o Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, São Paulo (2001).

**José Jeronymo Rivera** nasceu no Rio de Janeiro em 12 de junho de 1933 e reside em Brasília desde 1961. Faz parte do Conselho Administrativo e Fiscal da Associação Nacional de Escritores e é membro da Academia de Letras de Brasília. Engenheiro, administrador e economista, foi professor universitário e de Ensino Médio e é poeta e tradutor de poesia.

Recebeu os prêmios de tradução “Joaquim Norberto”, em 2001, da União Brasileira de Escritores - RJ, pelo livro *Poetas do Século de Ouro Espanhol*, e “Cecília Meireles”, em 2002, também da UBE/RJ, pela obra *Rimas*, de Gustavo Adolfo Bécquer.

Estão prontas para o prelo a tradução de *La voz a ti debida*, do poeta espanhol Pedro Salinas, e a versão de *Les Heures*, do belga Émila Verhaeren.

Tem participado de diversas atividades literárias em Brasília, realizando inclusive palestras na Biblioteca Nacional de Brasília e na Associação Nacional de Escritores, bem como colaborando em periódicos como *Literatura*, *Revista da Academia Brasiliense de Letras*, *Revista de Poesia e Crítica* e *Jornal da Associação Nacional de Escritores*.

## A FORMAÇÃO DO TRADUTOR

1. ASM — *O tradutor nasce ou se faz?*

ABH/JJR — O tradutor se faz. Para bem traduzir é preciso ter conhecimento e experiência em diversos departamentos. Primeiro que tudo, é indispensável uma boa familiaridade com os meandros da língua materna. Em segundo, ter da língua-fonte pelo menos uma sólida noção estrutural. Depois, o hábito da leitura, em ambos os idiomas; não apenas ler, mas saber ler. Fatores otimizantes: cultura geral, contacto com outras literaturas e uma razoável dose de paciência. Essas as bases, a partir das quais há de se construir uma experiência. Por outro lado, embora acreditemos num certo empirismo no ato de traduzir, julgamos inegável que esse empirismo só tende a se enriquecer quando canalizado (fundamentado?) pelo conhecimento das diversas correntes teóricas sobre a matéria.

2. ASM — *Existem, ao seu parecer, características, inatas ou cultiváveis, que contribuam a criar um bom tradutor?*

ABH/JJR — Somos tradutores de poesia, principalmente. Assim, para nós, o pendor para a poesia, o *sentimento do poético*, o exercício do poema são necessários para o bom desempenho tradutório. O *pendor* e o *sentimento* podem ser inatos, mas podem também —como determinar em que medida?— depender de um convívio social, do caldo de cultura ambiente, em suma. O fazer do poema é cultivável, sem dúvida. E o domínio instrumental —neste caso, não só o idiomático, mas ainda o dos movimentos poéticos, o das técnicas de versificação, etc.—, esse é, obviamente, fruto do estudo teórico e do tirocínio.

3. ASM — *O talento de poeta em que modo ajuda na arte/tarefa de traduzir?*

ABH/JJR — A técnica é fundamental, mas o talento é sublimador. Manuel Bandeira sabia tudo da arte poética, era íntimo de todas as artimanhas do poema. A partir disso, o seu imenso talento de poeta fez dele um dos maiores tradutores de poesia de nossas letras, capaz de ombrear —se não de os suplantar— com um Guilherme de Almeida, um Dante Milano, uma Henriqueta Lisboa, um Eduardo Guimaraens. Quem é capaz de fazer o poema está, em princípio, mais bem aparelhado para traduzi-lo; e quem, em acréscimo à capacidade, possui o talento está, por definição, mais apto a transpor o poema de outro idioma para o seu, com perda mínima ou nenhuma de seu valor original.

4. ASM — *Existe uma formação de base que recomendem?*

ABH/JJR — A formação de base é a aprendizagem daqueles elementos a que nos temos referido: a língua própria e a(s) alheia(s), a história e a teoria da literatura, as técnicas versíficas (no caso da tradução de poesia), mais a teoria da tradução —e neste caso é útil diversificar a leitura, a fim de não nos deixarmos limitar por esta ou aquela tendência.

5. ASM — *Podariam indicar três leituras fundamentais para quem deseja ser tradutor?*

ABH/JJR — Leituras que foram importantes para nós, e por isso as recomendamos: *A Tradução Viva* e *Escola de Tradutores*, de Paulo Rónai, *Teoría y Práctica de la Traducción*, de Valentín García Yebra, e *O que É Tradução*, de Geir Campos; *After Babel*, de George Steiner, *Problemas Teóricos*

*da Tradução*, de Georges Mounin, e *Tradução: a Ponte Necessária*, de José Paulo Paes.

Há uma infinidade de outras leituras interessantes, mas não nos compete, aqui, arrolar bibliografia. Há que ler de tudo, de todas as tendências, mas receba-se *cum grano salis* a afirmação da impossibilidade da tradução, especialmente a de poesia. A propósito, à pergunta “É possível traduzir poesia?” responderíamos simplesmente: Alguns autores afirmam que não. Mas os tradutores, não acreditando neles, traduzem sem parar...

Se é possível fazê-lo bem é outra questão, a que já respondemos. Mas a verdade é que bem traduzir poesia é quase tão difícil e tão raro quanto fazer poesia bem.

6. ASM — *Em que maneira sua formação de base e seu trabalho (engenheiro, administrador, economista, advogado, professor...) influenciou no seu modo de traduzir?*

ABH/JJR — Tendemos a responder que de modo nenhum... Mas tudo o que nos modela influi no que fazemos, não é? Acreditamos que isso possa entrar na cultura geral, a que nos referimos na resposta a sua primeira pergunta.

7. ASM — *No traduzir, antiguidade e experiência é saber ou não?*

ABH/JJR — Sim, em todo fazer humano, antiguidade-experiência é relevante para a qualidade do produto. A experiência rotiniza (no bom sentido) os procedimentos, incorpora as técnicas à natureza do fazedor, restando, pois, mais espaço à parte mental-espiritual da criação.

## RECURSOS E METODOLOGIA

8. ASM — *Existe uma metodologia ou uma corrente teórica que defenda?*

ABH/JJR — No ato de traduzir a gente não invoca a teoria, parte logo para o trabalho. Como dissemos, trata-se de atividade eminentemente empírica. Mas a teoria subjaz. É melhor, em todo caso, não partir de nenhuma posição dogmática: deixar o passo fluir, ao sabor do “acaso” das pedras... Já uma metodologia se faz sempre presente. Sabemos que a tradução literal dificilmente se compatibiliza com a tradução literária. Desta é forçoso subir um degrau (às vezes toda uma escadaria...), para atender não apenas à objetividade do *quê*, mas também à expressividade do *como*. Não obstante, o passo inicial é o entendimento semântico do texto; e esse entendimento implica ou é mesmo uma tradução literal... A compreensão da literalidade é, em verdade, requisito *sine qua non* da tradução literária; em verdade, uma pré-tradução. Pode não ser escrita, mas essa compreensão tem de estar na mente do tradutor, e é a partir dela que vêm os demais passos: a faina de reproduzir (ou de o tentar) o halo, a aura do texto, especialmente do poema, sua sonoridade, sua força de sugestão (ou de ambigüidade), seu poder de encantamento, sua magia, sua beleza.

9. ASM — *Ao longo da sua carreira como tradutores, como têm mudado os recursos de pesquisa e o seu uso?*

ABH/JJR — No início, a pesquisa era praticamente adstrita ao texto impresso, notadamente o livro: aquele(s) em que se colhia a obra a traduzir, comentários, dicionários, enciclopédias, traduções anteriores, em outras ou em nossa própria língua (neste caso, é bom ressaltar, tendo o cuidado de deixar a

consulta para o final, a fim de que soluções encontradas ou criadas por outrem não se nos imponham, frustrando nossa própria busca). Desde o último quartel do século passado, o computador e a internet facilitaram e ampliaram enormemente as possibilidades de acesso a essas fontes. Mudança meramente instrumental – não apenas para nós: para quantos se dediquem a este trabalho –, mas de suma valia e importância. O uso dos novos braços tecnológicos que nos estende a informática deve, naturalmente, sujeitar-se a filtros que permitam fugir as informações imprecisas ou errôneas. Não percebemos outro tipo de mudança.

10. ASM — *Compartilhem, por favor, o mais relevante de sua experiência ao traduzir em equipe (ABH-JJR-FMV).*

ABH/JJR — Nossa amizade precedeu de muitos anos a parceria. Certa vez, na Associação Nacional de Escritores, à época funcionando ainda numa sobreloja na 415 Sul, Domingos Carvalho da Silva propôs a Fernando Mendes Vianna (ambos de saudosíssima memória) e a um de nós traduzir a “Fábula de Polifemo e Galatéia”, de Gôngora. Ainda não saíra a tradução (aliás muito boa) de Péricles Eugênio da Silva Ramos. A proposta foi saudada com entusiasmo, porém, como sói acontecer, foi sendo adiada e adiada. Anos e anos mais tarde, já morto Domingos, Fernando recebeu convite da Embaixada de Espanha – ele que já traduzira, para a Consejería de Educación y Ciencia, os *Sonetos de Amor e de Morte* de Quevedo – para transpor ao português poemas de quarenta e poucos poetas de expressão castelhana. Chamou-nos a partilhar a empreitada, e assim nasceu a antologia bilíngüe *Poetas do Século de Ouro Espanhol*. Nela, afinal, figurava a famosa Fábula gongorina, em tradução conjunta de FMV e ABH, infelizmente sem a participação do poeta de *Vida Prática*. Deste trio viriam a lume, depois, *Victor Hugo: Dois Séculos de Poesia*, ainda Hugo em *O Sátiro e Outros Poemas*, e a *Antologia Poética Ibero-Americana*.

A reunião dos amigos poetas para essas tarefas foi algo marcante na vida dos três. Passávamos horas tardias discutindo particularidades e problemas de cada poema (em intervalos, conversando fiado – ou vice-versa...), homenageando ritualmente Baco e Euterpe, e trabalhando. Cada um tinha o direito de fazer sugestões quanto ao contributo dos outros, e vários poemas tiveram tradução assinada por dois de nós, e até pelos três. Eram, como se vê, reuniões de trabalho e alegria. Trabalho com alegria. Nessa cooperação aprendemos muito uns dos outros, uns com os outros.

Difícil dizer o que mais valia (mais-valia à parte...), se o conviver, se o confazer, se o congregar. Em última análise, era tudo uma coisa só. Valeu!

## AVALIAÇÃO

11. ASM — *Qual seria o modo de avaliar se uma tradução é boa ou ruim?*

ABH/JJR — Cotejando-a com o original, para verificar se foram alcançados os objetivos relacionados na parte final da resposta à questão 7; se lhe foi fiel o tradutor ou se o traiu miseravelmente; se o seguiu de perto, mas com desvios mais ou menos aceitáveis; se tem ela qualidade em si mesma, ou se apenas serviria de degrau para a leitura do original por quem não domine a língua-mãe; se estão presentes as condições a que se refere a resposta à pergunta n.º 2 (domínio idiomático, técnico, etc.).

12. ASM —*Poderiam dizer quais consideram suas três melhores traduções do espanhol ao português e do português ao espanhol, e por quê?*

JJR —Escolheria as “Églogas” e “Canciones” de Garcilaso de la Vega, de *Poetas do Século de Ouro Espanhol*, as *Rimas* de Gustavo Adolfo Bécquer, mais *La Voz a Ti Debida*, de Pedro Salinas, livro ainda inédito.

Do português para o espanhol: “Madrigal Melancólico” (Manuel Bandeira, *O Ritmo Dissoluto*), “Das Palavras Aéreas” (Cecília Meireles, *Romanceiro da Inconfidência*) e “A Lição de Poesia” (João Cabral de Melo Neto, *O Engenheiro*).

ABH —Do espanhol ao português: um soneto de Góngora (“Mientras por competir con tu cabello...”), outro de Quevedo (“Amor Constante más allá de la Muerte”), incluídos em *Poetas do Século de Ouro Espanhol*, e uma dupla de poemas de Rubén Darío, “Visión” e “Coloquio de los Centauros”, constantes de *Traduzir Poesia*. O texto quevediano e sua versão foram objeto de um ensaio, “Traduzindo um Soneto Ilustre”, também estampado em *Traduzir Poesia*. O “Coloquio” e seu traslado ao português figuram no *Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos*, n.º VII, 1997.

Do português ao espanhol: “A Cabeça de Corvo” e “Hão de chorar por ela os cinamomos...”, de Alphonsus de Guimaraens, em *Poetas Portugueses y Brasileños de los Simbolistas a los Modernistas*, e “Uma Criatura”, de Machado de Assis, em *Poesia para Todos*.

Por quê? *Porque me gustan...* São, todos, poemas belíssimos, e acredito que minha versão tenha sido bem-sucedida —na escala de minhas limitações.

## CULTURA

13. ASM —*Inspirados naquela citação de Haroldo de Campos, “ao invés de apertuguesar o alemão, germanizo o português. Deliberadamente, para o fim de alargar-lhe as virtualidades criativas” (Campos, 2005, p. 194), vocês apertuguesam o espanhol ou espanholizam o português?*

ABH/JJR —Nem uma coisa nem outra. Pensamos que mesmo os mais típicos idiotismos lingüísticos devem ser trazidos ou aproximados ao nosso idioma sem lhe ferir a estrutura ou a índole. Entendemos que algumas dessas importações ou aproximações possam ser de molde a enriquecer a nossa língua de torneios ou aspectos novos ou inusitados; isso é aceitável e desejável, mas não ao preço de *estrangeirizá-la*. Admitimos, entretanto, que o fosso entre essas duas posturas possa ser imperceptivelmente transposto.

14. ASM —*Como valoram as relações entre crítica literária, leitura crítica e tradução? Matrimônio, affaire, inimizade...?*

ABH/JJR —São relações de interdependência. A crítica depende, naturalmente, da obra que analisa; e o autor, no caso o tradutor, precisa ver sua obra criticada para aferir a receptividade do seu trabalho, ou da escolha de seu objeto, e principalmente para meditar sobre sua qualidade, sua pertinência, seus eventuais defeitos.

15. ASM —*Quais as vantagens e desvantagens da tradução entre línguas consideradas próximas, como o espanhol e o português?*

ABH/JJR —Vantagens: é mais fácil; a proximidade entre as duas línguas propicia mais pronto cotejo.

Desvantagens: essas mesmo. A facilidade, freqüentemente, se converte no oposto. A semelhança faz esperar que a transposição fique bem menos distante do original do que no caso de outras línguas, acena com um resultado assim como a visão de irmãs gêmeas quase idênticas... Mas isso está longe do que pode ocorrer por força de certas diferenças que, embora mínimas, obrigam o tradutor a longas e problemáticas voltas, se quer preservar metro e rima. Baste chamar à colação parênteses como *la/a, las/as, los/os, unos/uns*, em que a diferença de uma letra pode aumentar ou subtrair sílabas na tradução. Sem falar nos “falsos amigos”, pedras em que às vezes é difícil não tropeçar. Quanto à maior facilidade do cotejo, se atende ao interesse do leitor, também mais facilmente leva o tradutor à berlinda, já que o deslize eventualmente cometido fica mais prontamente perceptível...

—Então, por que traduzir de uma para a outra?

—Pelo enriquecimento que, ainda neste caso, resulta de uma tradução bem feita. Pelo desafio. Pelo gosto. Traduzir é ato lúdico; como, aliás, compor poesia originalmente. Traduzir, para nós, é ato de amor. Mesmo na tradução por encomenda, pode coincidir, e o ideal é que coincida, o interesse profissional com o amoroso. Além disso, é a melhor maneira de compreender o poema.

16. ASM —*Pensam no leitor, na cultura de chegada, no receptor real ou potencial quando traduzem? Como?*

ABH/JJR —Pensamos no leitor, de certo modo: no leitor que somos... Com isso, atingimos todos os leitores. E é inevitável pensar na cultura de chegada.

17. ASM —*Usando os termos cunhados por Haroldo de Campos, o tradutor de poesia traduz, cria, recria, transcria, verte?*

ABH/JJR —O tradutor, como tal, não cria: traduz ou verte e, ao fazê-lo, recria (ou *transcria...*), na medida do necessário e do possível, para conseguir na língua-meta maior aproximação a peculiaridades do texto na língua-fonte, ou para dar à tradução expressividade semelhante à do original. Criar? Na melhor das hipóteses, cria soluções para problemas aparentemente insolúveis. Isso quando é, por exemplo, um Porto Carreiro. Lembramos um caso clássico, em citação de Ivo Barroso:

—A propósito do texto aqui publicado sobre o *Cirano de Bergerac*, na tradução genial de Carlos Porto Carreiro, recebi de meu amigo Alaor Barbosa, de Brasília, um cordial e-mail em que lembra o famoso verso (definição do beijo): *Un point rose qu'on met sur l'i du verbe aimer*, que eu não teria comentado. De fato este verso é um desafio à tradução, já que o verbo *aimer* (amar) não tem *\_\_i'* em português. Porto Carreiro saiu-se magnificamente com este: Ponto róseo no *\_\_i'* do lábio que se adora.” ([www.gavetadoivo.wordpress.com/page/20](http://www.gavetadoivo.wordpress.com/page/20))

18. ASM —*Que desafios propõe a tradução de obras escritas em outros séculos?*

ABH/JJR —Cremos que o grande desafio é de ordem lingüística: compreender a linguagem por vezes arcaica em que estão vazadas e transpô-las a um português compatível com essa ancianidade. Outra dificuldade é mergulhar na *ideologia* da época, sob pena de falsear ou modernizar indevidamente conceitos e situações.

## ÉTICA

19. *ASM —Como entendem a ética na tradução?*

ABH/JJR —Respeito à obra original, preservando-lhe as características ideológicas e, na medida do factível, formais. Respeito ao pensamento e às convicções do autor nela manifestadas. (Ressalve-se que a paródia é legítima.) Indicação inequívoca do fato, no caso de aproveitamento, ainda que parcial, de soluções tópicas propostas por outrem.

20. *ASM —Já tiveram que traduzir obra que não lhes agradasse ou que fosse contra os seus princípios? Declinaram ofertas? Quais, por quê?*

ABH/JJR —Não, nunca. Felizmente não tivemos de passar por esse desconforto.